PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 85 Maio de 1974 Ano X

DATA DO PROLETARIADO

A data de 1º de Maio é celebrada em todo o mundo como o dia da confraternização da classe operária. Os proletários desfraldam suas bandeiras de luta em vibrantes manifestações. Erguem a voz poderosa para combater as injustiças sociais. Clamam contra o caduco regime capitalista. Expressam sua profunda aspiração ao socialismo.

No Brasil, ainda desta vez, o operariado não pode exprimir abertamente seus anseios, impera no país uma sanguinária ditadura militar-fascista. Nestes dez anos de governo despótico, os trabalhadores têm sido os mais sacrificados. Seu nível de vida caiu consideravelmente. A jornada de 8 horas praticamente desapareceu. Para conseguir o mínimo indispensável a sua subsistência, os operários precisam trabalhar muitas horas extraordinárias que chegam às vezes a 4 e 6 horas diárias. Privado de toda a liberdade democrática, o proletariado não tem o direito de eleger livremente os dirigentes dos sindicatos, não pode debater seus problemas angustiantes em assembléias sindicais, não lhe é permitido recorrer à greve ou a qualquer manifestação coletiva de descontentamento, não o deixam organizar comissões de reivindicações nos locais de trabalho. Pululam nas empresas policiais e espiões pagos para denunciar os que reclamam melhores condições de vida. Multiplicam-se as prisões de trabalhadores, em geral torturados na polícia. Mais difícil ainda é a sorte do proletariado do campo. Os assalariados agrícolas, cujo número anda pela casa dos seis milhões, vivem como párias e trabalham como escravos. Labutam de sol a sol nas fazendas, usinas e plantações, passam fome e não têm nenhuma assistência. Mas enquanto os trabalhadores amargam tão triste a dura situação, os grandes capitalistas, banqueiros e fazendeiros - sobretudo os de procedência estrangeira - obtêm lucros gigantescos que crescem de ano para ano. Esses lucros são produto do suor dos que produzem. São a mais-valia, a parte do trabalho dos operários que o patrão não paga e da qual se apossa indevidamente. Quanto menor é a remuneração do trabalhador, maior o ganho do capitalista e mais rapidamente cresce o seu capital.

Quem trabalha vive na miséria, quem não trabalha desfruta de prazeres, conforto e bem-estar. Isto não pode continuar. A ditadura militar-fascista precisa ser derrubada. A classe operária no Brasil é uma potente força, que ainda não pôs em movimento toda a sua energia revolucionária. Unida e consciente de seu papel, agrupará em frente-única amplos setores populares e patrióticos. Desenvolvendo ações combativas e de nível sempre mais elevado, esta frente-única acabará jogando por terra o infame e injusto regime vigente no país.

Por isto, neste 1º de Maio, o proletariado brasileiro inscreve em suas bandeiras de combate as palavras-de-ordem que correspondem à situação atual:

Abaixo a ditadura militar-fascista!

Abaixo o arrocho salarial!

Liberdade para o Povo!

Viva a Revolução!

Denodado Lutador de Vanguarda

Ainda nas primeiras fases da resistência dos moradores e patriotas do Araguaia contra os assaltos das tropas da ditadura, tombou numa refrega o bravo ex-marinheiro e dirigente comunista Francisco Chaves. As forças revolucionárias perderam um de seus melhores combatentes. Ele deu a vida conscientemente pela causa que abraçara com tanto desprendimento.

A figura simples, alegre e otimista, mas responsável e firme desse denodado camarada era muito conhecida de numerosos militantes do movimento popular e antiimperialista brasileiro. Oriundo de uma família de camponeses pobres de ascendência africana, desde criança sentiu duramente as injustiças e os preconceitos de que são vítimas as pessoas humildes e de pele negra. Muito jovem, ingressou como praça na Marinha de Guerra, onde veio a se interessar pelos problemas políticos e sociais e a sonhar com a redenção dos explorados e oprimidos. De todas as corporações militares, a Marinha sempre foi aquela em que mais fortes se apresentaram as diferenças de classe e em que, com maior zelo, se cultivou o espírito de casta dos oficiais. Justamente por isso, lá se manifestou e desenvolveu uma bela tradição de luta de marinheiros, de que são exemplos memoráveis a revolta de 1910 chefiada por João Cândido, em prol da abolição do regime chibata, assim como outras rebeliões contra as injustas discriminações e por direitos democráticos. Em 1934-35, enquanto boa parte da oficialidade aderia às hostes integralistas de Plínio Salgado, vasto contingente de marujos engrossava as fileiras da Aliança Nacional Libertadora, participava das ações antifascistas e apoiava a insurreição de novembro de 1935. Muitos marinheiros se filiaram ao Partido Comunista do Brasil. Francisco Chaves foi um deles. A partir de então, elevou constantemente sua consciência de classe, tornando-se um batalhador incansável da conquista de melhores condições sociais para seus companheiros, de liberdade para os trabalhadores e da emancipação nacional do povo brasileiro.

Seu nome começou a destacar-se durante a feroz repressão que se seguiu à derrota da insurreição de 1935. Preso pelos que se esmeravam em liquidar o setor revolucionário da Marinha, suportou por seis meses a fio torturas inenarráveis tal a sua bestialidade. Sob a chefia do famigerado comandante Lúcio Meira, um dos piores verdugos daquele período, a horda repressiva queria obrigar nosso valente camarada a entregar os membros da Aliança e os do Partido existentes naquela corporação e ainda não descobertos. Mas não conseguiram seu intento. Inquebrantável foi a resistência de Francisco Chaves. Recolhido ao presídio da Ilha Grande, não cessou de lutar. Graciliano Ramos, que com ele conviveu nessa época narra em seu livro "Memórias do Cárcere" os esforços de Chaves e de outros comunistas para denunciar as condições desumanas, de autêntico campo de concentração, em que se achavam os presos políticos no referido presídio.

Posto em liberdade no início da década de 1940, quando pairava sobre os povos a ameaça da dominação nazista e o Partido sofria internamente o ataque dos liquidacionistas, Chaves não vacilou no caminho a tomar. Defendeu a existência do Partido, sua justa linha política, a luta sem quartel contra o perigo fascista. Integrou-se no trabalho da reconstrução partidária e da preparação da Conferência da Mantiqueira, em 1943. Nesta Conferência, foi eleito suplente do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, cargo que exerceu até 1946.

Após a Conferência, militando principalmente entre as massas trabalhadoras do Rio de Janeiro, viveu todos os êxitos alcançados pelo Partido e também as vicissitudes que este e o proletariado atravessaram. Fiel a seus ideais, guiando-se invariavelmente pelos interesses fundamentais do povo e pronto a qualquer sacrifício em favor da causa revolucionária, Francisco Chaves esteve sempre atento aos problemas nacionais e manteve vivo seu sentimento internacionalista. Ao sobrevir o grande surto revisionista de 1956, não se deixou enganar nem atemorizar pela gritaria da corja de renegados kruschovistas contra Stálin e o

(Continua na página 7)

UMA ORIENTAÇÃO CLARA E OPORTUNA

A propósito do governo do general Ernesto Geisel, a Comissão Executiva do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil publicou, em abril próximo passado, uma Nota de grande significação e oportunidade. Já antes da designação do atual ditador de turno, toda a nação indagava quais seriam os seus designios, qual a sua incumbência. Agora, instalado em Brasília, e depois de ter anunciado seu programa, é questão de magna importância para as forças democráticas discernir o que realmente ele pretende fazer. Somente assim, e partindo do exame da situação objetiva, será possível determinar a linha de ação, a tática a seguir pela oposição popular, isto é, elaborar as formas de luta e de organização, as palavras-de-ordem capazes de levar a termo o movimento pela derrubada da ditadura militar -- a aspiração mais sentida e urgente do povo brasileiro.

A essa questão primordial, a Nota da Comissão Executiva responde perfeita e cabalmente. Após caracterizar de forma correta o recém-empossado governo, constatar sua orientação e analisar o processo político em curso, assinala: "Ainda que os objetivos de Geisel sejam fundamentalmente os mesmos dos três governos que o antecederam, sua tarefa principal na gestão ora iniciada é tentar consolidar o sistema fascista e ampliar a base política da ditadura".

Convém, pois, que a oposição popular não perca de vista esta indicação nem se deixe confundir por falsas aparências ou pela cortina de fumaça dos agentes governamentais. Os motivos que compelem Geisel a perseguir a referida tarefa foram bem expostos na Nota. Com efeito, para o regime dos generais tornou-se vital ampliar sua base de sustentação política e social, ganhando alguns setores descontentes através de pequenas concessões. É que, após uma década de terror, impostura, corrupção e entreguismo ficara a tal ponto patente seu isolamento político que até mesmo segmentos integrantes do Sistema foram marginalizados e sofreram sanções. Avolumara-se a resistência democrática, sobretudo no campo onde chegou a adquirir a forma de luta armada, com certo nível de organização e um programa local e nacional expressivo, como no sul do Pará. Simultaneamente, tornou-se indispensável ao regime militar consolidar-se. Com esta finalidade, continuará fazendo novas e intensas diligências. Se bem que suas tentativas precedentes tivessem malogrado, espera vencer os obstáculos com uma série de manobras que incluem desde os apelos "à imaginação criadora" dos políticos até as promessas, ameaças e demonstrações de força. Mas o modelo institucional visado não será absolutamente democrático e sim fascista. Apenas uma ínfima parcela da população deseja que o arbítrio se eternize, ao passo que entre o povo cresce a repulsa ante a imposição de qualquer prototipo reacionário ou semelhante ao salazarista. E hoje, depois de tirar as lições relacionadas com o golpe militar fascista no Chile e a queda do salazarismo em Portugal, as forças democráticas manifestam com mais vigor seu repúdio à tentativa de consagrar um modelo político que negou os mais elementares direitos às massas trabalhadoras e populares.

A Nota da direção do Partido adverte, com justeza, que a pretendida abertura de Ernesto Geisel não implica em liberalização ou concessões de ordem democrática. Nunca, aliás, ele teve em mira realizar nada de parecido nem muito menos "aperfeiçoar" o que quer que seja em matéria de democracia. Tampouco tem possibilidade de fazer tais concessões ou tal aperfeiçoamento. E isto porque tanto pela doutrina fascista de "segurança e desenvolvimento" em que se fundamenta sua política liberticida e entreguista como pelas forças internas e externas que o sustentam, o governo dos generais é incompatível com os anseios populares e nacionais. Geisel, ao invés de concessões ao povo, tratará de sufocá-lo e escorchá-lo ainda mais em proveito dos imperialistas e de seus associados brasileiros. Ele próprio, seja dito de passagem, não fez segredo disso.

(Continua na página 4)

(Continuação da página 3)

Não obstante, não se deve concluir que o atual ditador queira relegar o problema político, sua missão central, a um plano secundário. Longe disso. Ele sabe que o aumento é premente e decisivo. Ainda que nos dois meses decorridos desde sua investidura muito se propale que está voltado para o saneamento das sujeiras deixadas pela camarilha de Médici, o aspecto político é o mais relevante em sua pauta de atividades. Não se exige alto descortino para perceber que o regime militar se encontra a braços com grandes dificuldades econômico-sociais, e o descontentamento lavra em toda a parte. Entre os operários, as donas-de-casa, os estudantes há manifestações de inconformismo. E se levarmos em conta que a conjuntura internacional lhe é adversa, entender-se-á porque Geisel terá de multiplicar suas manobras e seus esforços para ampliar a base política e tentar consolidar o regime fascista. Espraia-se a intranquilidade. É inevitável a irrupção de grandes ações populares. Ou, como destaca a Nota da direção do Partido: "Aumentará a revolta das massas e elevar-se-á o nível das lutas pelas reivindicações sentidas. Crescerá o ódio às Forças Armadas, instrumentos que sempre foram dos inimigos da liberdade, da independência nacional e do progresso social. As discórdias nas áreas militares tendem a acentuar-se. O país marcha para crises políticas e sociais da maior envergadura."

Nesta situação e com tal perspectiva, cumpre às forças da oposição popular desmascarar os manejos de Geisel, combatendo a idéia de que esteja trabalhando "sincera e pacientemente" pela abertura. É importante levantar bem alto a bandeira da luta pelas liberdades democráticas. Ao mesmo tempo, deve-se mobilizar as massas para que reclamem a solução de seus problemas imediatos, utilizando-se cada conquista, mesmo pequena e parcial, a fim de desenvolver a unidade de ação e avançar no caminho da frente-única.

Os ítens constantes da plataforma apresentada pela Comissão Executiva do PC do Brasil são essenciais ao reforçamento da unidade de ação. Quanto maiores os contingentes populares mobilizados e reunidos em torno de um ou de vários pontos da plataforma, mais se fortalecerá a oposição. Impõe-se o estímulo à resistência ativa. Não é possível concordar com a atitude de expectativa ante as manobras de Geisel, sobretudo quando a prática de sua incipiente gestão atesta que ele prossegue aplicando a mesma política do "crê ou morre" de seus antecessores. Embora fale de novo estilo, da necessidade de estabelecer o diálogo, vem agindo como fascista. Continuam as prisões e as torturas. A censura à imprensa e a outros meios de informação não foi suspensa. Não cessaram as medidas drásticas contra os adversários.

A sagrada missão das forças populares não é pactuar com a ditadura e sim derrubá-la. As liberdades pelas quais o povo luta, as transformações que almeja, jamais resultarão da conciliação ou da expectativa. Dependem principalmente da unidade dos democratas e patriotas, de poderosas ações de massas sob variadas formas, que vão desde a simples petição até as greves, os protestos enérgicos de rua e a luta armada. Tudo deve ser feito para varrer a ditadura militar e instaurar a verdadeira democracia.

OUÇA DIARIAMENTE:

RÁDIO TIRANA - 31 e 42 metros
Das 20 às 21 hs. e das 22 às 23 horas

RÁDIO PEQUIM - 25 e 42 metros (Das 19 às 20 horas)
19,4 e 32 metros (Das 21 às 22 horas)

Derrocada do Salazarismo

A queda do regime fascista em Portugal encheu de alegria os democratas e revolucionários de todo o mundo. É um acontecimento revelador do avanço das forças populares e do declínio dos sistemas retrógrados. Antigo baluarte da reação, famoso por seu obscurantismo clerical e por sua crueldade repressiva, o salazarismo dominou quase meio século. Em fins de abril ruiu estrepitosamente, sem oferecer maior resistência, minado por profundas contradições. A derrocada dos herdeiros de Salazar atinge também a política dos generais fascistas brasileiros, seus fiéis aliados e constantes colaboradores.

O fascismo implantou-se em Portugal, há quarenta e oito anos, com o apoio e a ajuda das Forças Armadas. Oliveira Salazar foi o seu principal representante. Governou o país com mão de ferro durante várias décadas. Sua filosofia de governo era o terror contra o povo. Atribuía ao materialismo e ao liberalismo todos os males da sociedade. Considerava as greves e as manifestações populares como subversão da ordem. Não admitia quaisquer resquícios de liberdade. Sua mais destacada criação foi a PIDE - a sanguinária polícia política portuguesa, conhecida em todo o mundo como um requintado centro de tortura e extermínio de opositores do regime. Depois de sua morte, Marcelo Caetano e Américo Tomaz prosseguiram na mesma rota sinistra.

Desde sua instauração, o fascismo era apresentado como o caminho para a salvação de Portugal. Dizia-se que ali reinavam a paz e a ordem, enquanto na Europa fervilhava a anarquia. Afirmava-se que aí se estabilizara a moeda, quando em muitos outros lugares ocorriam crises e desequilíbrios financeiros. Após cinquenta anos, Portugal acha-se afundado numa grave situação, atrasado, cada vez mais dependente da Inglaterra e dos Estados Unidos. Um sexto de sua população emigrou em busca de trabalho e meios de sobrevivência. Seus intelectuais de renome vivem no exterior. A nação encontra-se engolfada numa cruel e injusta guerra colonial que lhe consome as energias e recursos. O Exército semeia morte e desespero entre as populações negras da África.

O fascismo não foi nem será solução para os problemas agudos de qualquer país. Não salvará o capitalismo de seu fim inevitável. Exibe-se como movimento renovador, mas na realidade é um poder contra-revolucionário que surge precisamente para tentar barrar o avanço da sociedade. Apóia-se no que há de retrógrado e explorador e volta-se inevitavelmente contra o povo e as correntes progressistas. Ao desaparecer da cena, deixa atrás de si um mar de sangue, de sofrimentos, de crimes horripilantes. E a estagnação econômica, política e cultural.

A derrubada do fascismo português não pode ser atribuída a supostos pendores democráticos das Forças Armadas lusitanas, que o sustentaram durante tão longo período. É fruto dos embates abnegados das massas populares que corajosamente se ergueram em defesa de seus direitos. Mas é sobretudo resultado da luta armada realizada pelos africanos nas colônias de além-mar. A sorte do fascismo decidiu-se fundamentalmente nas regiões longínquas e atrasadas da África. Levantando-se em armas, há treze anos, pela conquista da independência nacional, os guineenses, moçambicanos e angolanos atraíram boa parte do exército português, assestaram-lhe na guerra de guerrilha pesados golpes e abalaram, com sua resistência, a situação econômico-financeira da Metrópole. A guerra colonial foi o fator principal da decomposição do sistema fascista, favorecendo o crescimento do movimento democrático e revolucionário em Portugal que, nos últimos anos, cobrou maior impulso particularmente entre os operários e os estudantes. Esta decomposição refletiu-se também nas Forças Armadas. Cerca de 100 mil soldados desertaram para não combater na África. Várias foram as tentativas de levantes de quartel.

(Continua na página 6)

(Continuação da página 5)

Portugal estava isolado internacionalmente, fato que se agravou com a ajuda proporcionada aos Estados Unidos para a agressão de Israel aos países árabes. Marcelo Caetano e Américo Tomaz viam-se a braços com a indisciplina em suas hostes e já não conseguiam manter as rédeas do Poder. Foram facilmente desalojados pelo golpe militar. Resguardados da ira popular, instalaram-se comodamente na Ilha da Madeira e transferiram-se depois para o Brasil com o auxílio da chamada Junta de Salvação Nacional. Ao desencadear o golpe, os generais tinham em vista salvar os interesses da burguesia portuguesa e de seus associados em franca bancarrota, substituindo as antigas formas de dominação estatal e indicando outra opção que não o fascismo, a fim de evitar a "desagregação pela via revolucionária", como assinalou Antônio Spinola. As massas, porém, ganharam as ruas e mostraram seu imenso ódio ao salazarismo. Atacaram as sedes da PIDE e buscaram por toda a parte os bandidos que à frente do governo e da polícia causaram tantos padecimentos e danos à nação lusitana. Exigiram a libertação dos presos. Abriram os cárceres que abrigavam numerosos antifascistas, entre os quais condenados que cumpriam penas há vinte anos. Criaram suas organizações e reconstruíram seus partidos políticos. Salazar e seus sequazes acreditaram que haviam esmagado para sempre o movimento popular e revolucionário. Este ressurgiu com maior força e ímpeto combativo, levantando palavras-de-ordem radicais, apontando o caminho do socialismo.

Spínola, Costa Gomes e outros expoentes das Forças Armadas manobraram para conter as justas aspirações do povo e alcançar os objetivos que perseguem. Organizaram um governo provisório no qual detêm a supremacia e transferiram as eleições para daqui a um ano. Declararam-se aliados dos Estados Unidos e dispostos a permanecer no seio da OTAN. Visam, antes e acima de tudo, conservar o velho Império que está caindo aos pedaços. Apresentam-se astutamente como partidários da criação de um país "plurinacional e fortemente unido". "Os africanos - diz Spínola - querem ser portugueses, mas querem-no ser à maneira africana". Lucubração falaciosa que corresponde a dizer que os brasileiros, no passado, queriam ser portugueses mas à maneira latino-americana. O subterfúgio esconde o propósito de negar aos povos da Guiné Bissau, Moçambique e Angola o legítimo direito à independência nacional, à separação incondicional da Metrópole, à criação de seu próprio Estado.

Os atuais dirigentes de Portugal usam todos os artifícios para evitar a completa derrota na África. E é para ajudá-los nessa inglória tarefa que chamam ao governo os socialistas e os revisionistas, tidos como adeptos do movimento de libertação nacional. Precisam deles para camuflar suas intenções e facilitar o contato com as forças rebeldes das colônias. Oportunista consumado, estreitamente ligado à camarilha soviética, Álvaro Cunhal - que procura passar por secretário-geral de um pretenso partido proletário - aboletou-se rapidamente num posto ministerial. E desde então não se cansa de pedir moderação e paciência aos trabalhadores, de elogiar os generais e clamar pela união do movimento popular com as Forças Armadas. No que respeita à África, limita-se a pedir o fim da guerra, mas não a retirada total de Portugal das colônias e a aceitação da emancipação nacional dos povos que aí vivem submetidos ao jugo lusitano. É um colaborador da burguesia chovinista portuguesa. Travestido de comunista, desempenha o triste papel de apaziguador da revolta das massas e se esforça por ajudar a dissimular a dominação lisboeta em terras do Continente Negro.

Os trabalhadores portugueses não se deixarão enganar e, muito menos, os povos em armas da África. Estes reclamam alto e bom som sua emancipação, apoiados por Estados africanos amigos e pelos revolucionários de todo o mundo. "A criação de uma nação multi-racial, proposta por Spínola, é um engodo", dizem os angolanos. A Guiné - Bissau já proclamou sua independência e exige a retirada das tropas lusas que ainda se encontram em parte de seu território. O proletariado metropolitano recorre à greve para reivindicar melhores salários, quer a liberdade sindical e o direito de lutar contra a exploração e pelo socialismo. Os verdadeiros interesses do movimento antiimperialista nas colônias e do movimento revolucionário na Metrópole chocam-se frontalmente com os objetivos

(Conclui na página 7)

(Conclusão da página 6)

e a política de Spínola, Cunhal & Companhia. Não é para as Forças Armadas nem para o governo provisório que se devem voltar os autênticos lutadores de vanguarda mas para o povo, para a sua organização independente, a fim de ajudá-lo a varrer toda a velha máquina da opressão fascista, impulsionar sua unidade e combatividade. A questão colonial é problema-chave, delimita os campos. O proletariado luta pela aliança com o movimento de libertação na África e afirma seu internacionalismo defendendo abertamente a continuidade das ações revolucionárias na Guiné, Moçambique e Angola até a completa vitória. Não pode ser livre um povo que oprime outros povos.

O povo brasileiro recebeu com júbilo a derrubada do fascismo em Portugal que repercute intensamente em nosso país. Está solidário com os revolucionários e democratas portugueses e ao lado das nações oprimidas da África que lutam por sua completa independência nacional. A ditadura militar sempre apoiou o salazarismo. Seu representante na ONU votou contra o reconhecimento da Guiné Bissau. E continua articulando o que denomina de comunidade luso-afro-brasileira, uma fórmula destinada a assegurar a dominação conjunta das antigas colônias sob novas roupagens. Os Estados Unidos não são alheios a tais artimanhas. Mas a imensa maioria da população do Brasil repudia o regime militar e sua política fascista e expansionista. Apóia o povo irmão de Portugal em seu combate pela liberdade, a paz e um regime de progresso e justiça social.

DENODADO LUTADOR DE VANGUARDA - (Conclusão da página 2)

Partido, a ditadura do proletariado e o movimento comunista. Sustentou atitude de classe, evitou o envolvimento por parte do bando revisionista e permaneceu vigilante em face das manobras de Prestes. Aliás, Chaves sempre guardou reservas a respeito da posição de Prestes como dirigente comunista devido à sua formação caudilhesca nos quadros da oficialidade do Exército. Por tudo isso, após a rutura aberta no Partido com o revisionismo contemporâneo e particularmente depois do golpe militar de 1964, ele contribuiu, na condição de membro do Comitê Metropolitano da Guanabara, para que a maioria dos camaradas dessa Região desmascarasse o grupo traidor de Prestes e marchasse ao reencontro com o PC do Brasil.

Com a reincorporação à tradicional organização de vanguarda do proletariado, Francisco Chaves identificou-se prontamente com a orientação marxista-leninista do Partido e compreendeu a importância de transferir para o campo o centro de gravidade da atuação dos comunistas. Manifestou em seguida sua disposição de vincular-se às massas camponesas, de ir para as zonas mais pobres e abandonadas do país, apesar de nessa ocasião já haver passado dos 60 anos de idade. Com seu exemplo, animou os companheiros jovens, que o admiravam e tratavam com carinho.

Lutava entre os valorosos guerrilheiros do Araguaia quando a morte o encontrou. Estava no posto de combate que lhe fora indicado por sua clara e pura consciência revolucionária. Tinha convicção profunda de que colocara a vida a serviço da mais nobre de todas as causas: a libertação do povo e da Pátria, a emancipação dos oprimidos. Honrou até o fim sua condição de revolucionário proletário, de comunista consequente.

O nome de Francisco Chaves não será esquecido. As novas gerações de marinheiros terão sempre presente a altiva e corajosa conduta desse querido camarada que nunca se curvou ante a insolência da oficialidade fascista da Marinha de Guerra e pugnou sem esmorecimento pelos direitos da marujada. Os trabalhadores, os patriotas brasileiros jamais olvidarão esse valoroso e tenaz combatente da liberdade, da independência e do socialismo. Milhares de novos lutadores seguirão seu exemplo e perpetuarão sua memória.

MENSAGEM

Ao Comitê Central do Partido Comunista da Bélgica (marxista-leninista)

Queridos camaradas

Agradecemos a mensagem de solidariedade proletária e as cálidas palavras de incentivo à luta contra a ditadura fascista e a dominação do imperialismo norte-americano que vocês nos enviaram por motivo do 2º aniversário da resistência armada do sul do Pará.

Os comunistas brasileiros, assim como os democratas e patriotas, têm na mais elevada conta as manifestações que se realizam no exterior em apoio ao movimento popular e democrático do Brasil. Entre estas manifestações, sobressaem as que se vêm efetuando na Bélgica, onde os trabalhadores e outras camadas da população condenaram em diferentes oportunidades o sanguinário regime imperante em nossa Pátria. Sabemos que o Partido Comunista da Bélgica (m-l), autêntico e valoroso partido da classe operária, participa ativamente desses atos, testemunhando seu internacionalismo proletário e sua profunda compreensão do atual momento político.

Na presente situação mundial, quando o capitalismo senil e reacionário recorre aos métodos mais bárbaros para manter seu domínio, generalizando a prática da tortura e do assassínio de combatentes de vanguarda, a luta contra o terrorismo da burguesia e em defesa da liberdade adquire imenso significado. Esta luta golpeia a reação e contraria os planos escravizadores do imperialismo norte-americano e do social-imperialismo soviético. É parte inseparável do movimento revolucionário pela transformação da sociedade. Explorados e oprimidos, os trabalhadores são os mais interessados no democratismo - que a burguesia já não pode conceder - adversários resolutos do fascismo e de toda espécie de tirania. O exemplo de Lênin que desfraldava a bandeira da revolução e defendia simultaneamente, com ardor e intransigência, as liberdades para o povo é de plena atualidade.

A grande maioria da nação brasileira sempre aspirou à liberdade para melhor lutar pelos direitos do povo, pela verdadeira independência nacional, contra o sistema do latifúndio e as injustiças sociais, em prol da cultura e do progresso. Mas as forças retrógradas e o imperialismo norte-americano, que dominam o Poder, jamais permitiram que o povo desfrutasse de regalias democráticas. Têm usado de todos os recursos para impedir a organização popular, a atividade política das grandes massas, a simples propaganda das idéias renovadoras. Em cinquenta e dois anos de existência, o Partido Comunista do Brasil somente teve vida legal durante dois anos, após a II Guerra Mundial. A partir de 1964, os generais implantaram uma ditadura militar que persegue, tortura e assassina os que se opõem consequentemente ao fascismo.

Por isso, o Partido Comunista do Brasil ergue bem alto a bandeira da liberdade e da independência nacional, pugna pela criação de um regime democrático popular. Está consciente de que só através da revolução o povo brasileiro conseguirá libertar-se da opressão interna e externa e abrir o caminho que conduz à vida livre e feliz, ao socialismo.

Há dois anos, iniciou-se uma resistência armada no sul do Pará. Na região do Araguaia, patriotas e moradores locais levantaram-se contra as arbitrariedades da ditadura. Esse movimento goza de larga simpatia e desperta o entusiasmo da população. São os primeiros passos numa caminhada longa, cheia de dificuldades. Os militares fascistas já empreenderam três vastas campanhas visando ao aniquilamento dos guerrilheiros. Empregam os processos mais bestiais contra as massas pobres do interior paraense, desprovidas de qualquer ajuda, e vítimas permanentes da grilagem, da exploração impiedosa e da prepotência da polícia. Centenas de camponeses são espancados e torturados, retirados vio

(Continua na página 9)

(Continuação da página 8)

lentamente dos lugares onde vivem. Dezenas de pessoas são trucidadas. Mas o sangue dos valorosos combatentes vai balizando o terreno por onde hão de marchar legiões de rebeldes decididos a enfrentar e a derrotar a reação e o imperialismo ianque. Pouco a pouco, os revolucionários do Araguaia adquirem experiência e aprendem a dominar a arte de fazer a guerra popular. Esta experiência, assimilada pelos oprimidos e aplicada em muitas outras áreas, acabará transformando-se em gigantesca força que levará o Brasil a novos destinos. Nosso Partido dá todo o apoio a essa grandiosa luta democrática e libertadora.

A ditadura fascista encontra oposição crescente no país. O proletariado, submetido à política de arrocho salarial, vigiado pela polícia nas fábricas e nos sindicatos, já apela para greves em defesa de sua própria sobrevivência. Multiplicam-se os choques no campo, inclusive armados, contra as medidas de expulsão da terra e o abandono em que se acham os camponeses. Os estudantes protestam. Insurge-se a intelectualidade, contrapondo-se ao reacionarismo da censura oficial. A esmagadora maioria da população repudia o regime arbitrário dos generais e revela profundo descontentamento. Embora o nível das lutas ainda não seja elevado devido à feroz repressão, o movimento patriótico e antifascista intensifica-se, vai-se tornando poderoso.

A libertação do povo brasileiro não será fácil. Exigirá muitos sacrifícios, compreensão das grandes massas e, sobretudo, unidade. Precisará contar com uma firme direção. Nosso Partido envida esforços para colocar-se à altura de sua missão de vanguarda.

O apoio e a solidariedade internacionais constituem ajuda e estímulo. Os marxistas-leninistas belgas são nossos irmãos de ideal e de combate, amigos verdadeiros do proletariado e do povo brasileiros. Também nós, queridos camaradas, na medida de nossas forças, apoiamos a destemida luta dos trabalhadores e do povo da Bélgica. A união de pensamento e de ação dos proletários de todos os países, com os heróicos e provados revolucionários da China e da Albânia à frente, destroçará as barreiras levantadas pelo velho, odiado e criminoso regime capitalista contra a emancipação da classe operária e o avanço da Humanidade para o socialismo.

Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1974.

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

"O povo tem diante de si a urgente tarefa de desmascarar as manobras políticas dos generais, isolá-los mais ainda e ampliar em todos os sentidos a frente de oposição e resistência ao fascismo. A esmagadora maioria dos brasileiros jamais se conformou com a supressão de suas liberdades, jamais aceitou a tirania dos militares. Há dez anos combate os traidores da nação. Milhares de patriotas passaram pelas prisões e sofreram selvagens torturas. Centenas foram assassinados pela reação. Imenso é o número dos perseguidos políticos. Cada dia, porém, aumentam as fileiras dos que se opõem com decisão à ditadura fascista. Em toda parte elevam-se protestos. Nas escolas, nas fábricas, nas usinas, nas praças públicas, no campo, surgem variadas formas de luta. No sul do Pará, há dois anos, patriotas e moradores locais sustentaram heróica resistência armada, desenvolvem um movimento guerrilheiro que conta com o apoio e a simpatia de grandes massas".

Trecho da Nota da Comissão Executiva
do CC do PC do Brasil